



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à revista Exame

Palácio do Planalto, 04 de julho de 2008

Jornalista: Em primeiro lugar, obrigada por receber a gente aqui, em nome da Exame, da Abril. É superimportante que a gente traga um pouco da visão do governo, do senhor particularmente, para o nosso público, que é um público de empresários, executivos, enfim, homens de negócio.

Presidente: Fiz um dossiê de vocês, aqui. Vou mandar passar (inaudível) e aí falam o seguinte: “Presidente faz dossiê de jornalista da Exame”. Você sabe que eu acho que a nossa imprensa está padecendo de um mal, que eu não sei como vai sair disso?

Jornalista: Que mal?

Presidente: Quando você conta uma mentira, você não sabe como sair dela. Tem um ditado que diz o seguinte: quando você conta a primeira mentira, você passa a vida inteira mentindo para poder justificar aquela primeira mentira. Algumas coisas que eu vejo... Quando você dá força... Esse caso do dossiê, por exemplo, o senador Álvaro Dias deve ter vendido uma informação ultra-secreta, “isso aqui vai derrubar o governo”, quando, na verdade é um banco de dados que nós continuamos fazendo, e vamos fazê-lo.

Vocês vão ver, banco de dados eu vou fazer quando deixar a Presidência. Eu quero pegar tudo o que o governo fez, tudo, ir em cartório, registrar e entregar para o próximo presidente: “Está aqui, registrado em cartório o que foi feito, como é que está, se tem 5% da obra, se tem 2%, se tem 1%, se tem 3%, está aqui, divirta-se”.



Porque, no Brasil se trabalha com muita... às vezes a notícia mentirosa ganha uma dimensão que, depois, as pessoas não sabem como sair. Esse caso da VarigLog, agora, é a maior...

Jornalista: Como é que o senhor recebe esse tipo de notícia, Presidente?

Presidente: Eu já estou muito calejado. Eu, nessa minha vida... Não porque eu seja presidente, mas antes de ser presidente, eu estou muito calejado. Eu tenho uma confiança extraordinária no leitor, eu acho que o leitor sabe distinguir corretamente o que é má-fé, o que é mentira, o que é insinuação, o que é ilação e o que é verdade. Eu digo, sendo muito franco, qualquer coisa que sair no jornal, pode ficar certo do seguinte: o povo sabe distinguir, sobretudo o leitor que é um cidadão mais qualificado intelectualmente. Ele sabe distinguir, ele sabe quando alguém carrega na tinta para contar uma mentira, quando alguém carrega na tinta para fazer uma ilação. Então, talvez eu seja o menos abalável dos brasileiros, com relação a matéria de jornal. Eu sempre trabalho com a idéia de que a verdade pode demorar um dia, 15 dias, 20 dias, mas ela prevalece, não tem outro jeito. E eu acho que é nisso que eu tenho acreditado. O leitor hoje é um cidadão mais preocupado com a seriedade. Ele não acredita em tudo que a gente pensa que ele acredita, nem no discurso do presidente, nem no artigo do colunista. Ele consegue distinguir: “Espere aí, tem essa verdade, mas tem essa mentira, tem essa má-fé, não tem essa má-fé”. Eu acho que essa é a garantia do fortalecimento da democracia, e eu penso que isso permite que haja liberdade de imprensa, como existe no Brasil, porque as pessoas podem se queixar de qualquer coisa, mas a única coisa de que não podem se queixar é que no Brasil não tem liberdade de imprensa.

Jornalista: Presidente, falando do que anda saindo no noticiário... A notícia mais relevante da semana diz respeito à inflação. A gente sabe que esse é um problema mundial, não é um problema que afeta apenas o Brasil. Entre os



emergentes, o Brasil ainda está em uma situação até que relativamente confortável, está dentro da meta, junto com o Canadá, enfim, são os dois únicos países, mas a inflação...

Presidente: Você está dando a minha resposta...

Jornalista: Mas a inflação é uma coisa que realmente tem preocupado, não só o empresário, não só as elites, vamos dizer assim, mas, sobretudo, a população em geral, que sabe que pode ser extremamente penalizada pelo aumento dos preços. Como o senhor vê a questão da inflação? Ontem saiu uma declaração em que o senhor dizia que a gente não deve perder meia hora de sono por causa disso. É isso mesmo, Presidente?

Presidente: Deixe-me dizer uma coisa. Primeiro, eu passei 30 anos da minha vida do outro lado, sendo vítima da inflação, e eu tenho a exata noção do que é um trabalhador sem conta bancária, vivendo do salário, sem conta remunerada, vítima de uma inflação de 15%, 20%, 30%. Eu vivi 30 anos da minha vida em que fazia a pauta de reivindicação pedindo 80%, 90%, 100% de reajuste, porque a inflação comia o nosso salário.

Naquele tempo, para o trabalhador que tinha uma conta remunerada, a inflação nunca era 40%, era 8%, 9%, 10%. Mas a maioria da parte mais pobre da população, que não tinha conta, se obrigava a ir ao supermercado comprar batata em excesso, comprar óleo em excesso, porque era a garantia da luta contra a inflação, já que ela não tinha como aplicar dinheiro em banco, porque não tinha... Era se proteger comprando muito alimento.

Hoje, nós vivemos uma situação muito mais confortável. Na verdade, o Brasil e o Canadá são os únicos dois países que estão dentro da meta estabelecida por nós mesmos. Obviamente, quando eu digo que a gente não deve perder sono, é porque o governo não medirá nenhum esforço, nenhum



sacrifício para manter a inflação baixa. E por quê? Porque eu sei os efeitos maléficos da inflação para a sociedade que vive de salário.

Nós temos que trabalhar de forma muito tranqüila e sem tomar muitas medidas atabalhoadas, porque quando você toma muita medida atabalhada, é como aquela jogada em que vão 4 ou 5 jogadores em cima da bola ao mesmo tempo, e a bola termina ficando para o adversário. É melhor a gente tomar as medidas, ver quais são os efeitos delas e se for necessário, aprimorá-las, se tiver que mudar, mudá-las, mas sempre com uma boa discussão política, sempre com uma boa avaliação, sempre ouvindo pessoas de vários segmentos da sociedade. Acabou aquela fase no Brasil em que tinha economista, seja no Banco Central ou no Ministério da Fazenda, que vinha com a sua tese acadêmica e da parte dele tentava impor a sua tese acadêmica, e não era mais a tese dele que resolvia o problema. Nós não queremos isso, nós não queremos um debate acadêmico, nós queremos um debate econômico com muita seriedade, porque manter a inflação baixa é sinônimo de que a gente vai dar sustentabilidade para o crescimento da economia e para o fortalecimento do consumo de massa, que a sociedade tanto precisa e que está acontecendo hoje.

Jornalista: (Inaudível) poderiam ser essas, Presidente?

Presidente: Nós já tomamos as medidas que tínhamos que tomar. Obviamente que você dá um remédio... Às vezes eu me levanto com dor de cabeça, peço um comprimido para o médico (Inaudível) e eu fico nervoso porque depois de 5 minutos não parou a dor de cabeça. Ele me fala: "Presidente, tem que esperar, tem um tempo de efeito para o remédio". Então, as medidas que nós já tomamos vão surtir o efeito que nós queremos.

Agora, nós estamos vivendo uma certa anomalia na economia mundial. Nós temos uma inflação causada por determinadas *commodities*. No caso do



Brasil, nós tivemos uma inflação também causada por produtos alimentícios que não são *commodities*, como o arroz, o feijão. Isso é resolvido na medida em que o governo anuncia uma política agrícola, tanto para atender a agricultura familiar, quanto para atender a agricultura empresarial, que tem substância suficiente para aumentar a produção que nós precisamos. Nós lançamos ontem a política para a agricultura familiar. Na verdade, nós queremos dobrar a produção agrícola da agricultura familiar até 2010. Nós vamos financiar 60 mil tratores para a agricultura familiar e eu acho que vai ser uma pequena revolução que vai acontecer neste País com a agricultura familiar se modernizando, tendo assistência técnica, tendo acesso à tecnologia e tendo máquinas para poder plantar. Então, eu acho que nós vamos resolver isso.

Obviamente que tem uma parte da inflação que ainda está na fase do diagnóstico dos especialistas do mundo inteiro. Alguns governos assumem, outros não assumem. Eu vou para o G-8 com o objetivo de discutir esses assuntos, porque não está claro ainda qual é a incidência do petróleo, petróleo real, no custo da produção de alimentos no mundo, no custo do frete, no custo da energia. Também não está claro ainda o que significa para a inflação e para o preço do petróleo a especulação no mercado futuro, com o petróleo. Ainda estamos na fase de diagnóstico. Eu mesmo, há uma semana, pedi a um grupo de companheiros, coordenados pelo Guido Mantega, para estudar isso e apresentar um diagnóstico para a gente fazer um debate internacional. Segundo, é inadmissível que a gente comece a ter um grande investimento no mercado futuro de alimentos. Não é admissível ficar especulando com aquilo que é a razão da sobrevivência humana.

Jornalista: Mas o senhor acha que dá para conter essa especulação?

Presidente: Acho que dá para conter. Primeiro, se para alguns países isso é um grave problema, para o Brasil é uma grande oportunidade. O Brasil está



desafiado a produzir muito mais. Temos terra, temos sol, temos água, temos tecnologia. Então, o Brasil está desafiado a produzir muito mais e vai produzir. Se você analisar o que aconteceu nos últimos 7 anos, de 2001 a 2007, vai perceber o quê? Que o déficit no estoque de grãos do mundo caiu 175 milhões de toneladas e o superávit brasileiro, no mesmo período, foi de 149 milhões de toneladas. Então, significa que o potencial do Brasil é excepcional. Eu tenho dito para todo mundo: se tem uma crise mundial e essa crise envolve alimentos, para o Brasil não pode ser tratada como crise. O Brasil tem que tratar isso como a grande oportunidade da sua vida. Cada um de nós aqui ouviu ou leu, em algum momento, que o Brasil poderia ser o celeiro do mundo. Esta é a oportunidade. Nós temos que ter cuidado porque a Europa, por exemplo, durante os últimos 20 anos chegou a pagar para que as pessoas não produzissem.

Jornalista: Não é subsídio?

Presidente: Nós estamos negociando na Rodada de Doha e temos conversado com os dirigentes europeus e com os Estados Unidos, que uma das formas de nós aumentarmos a produção de alimentos no mundo é eles abrirem o mercado deles para os produtos dos países emergentes e para os países pobres. Eu tenho ponderado para eles estabelecerem parcerias com países africanos.

Vocês sabem que nós montamos a Embrapa em Gana e já pesquisamos 17 países em campo, com técnico indo a campo fazer a pesquisa, e pesquisamos 10 países a distância. Até agora, a visão que nós temos é que a savana africana tem muita característica do cerrado brasileiro. Vocês são muito jovens, não lembram, mas há 30 anos, quando se falava no cerrado brasileiro, o que a gente ouvia era o seguinte: “O cerrado não presta para nada, só para pequi e para lobo guará, porque no cerrado brasileiro, as árvores nem crescem,



elas ficam todas tortas, isso é sinônimo de terra ruim”. O que aconteceu? Com o manejo da terra correto, com a adubação correta, nós transformamos o cerrado brasileiro numa das maiores produções de grãos do mundo. Isso pode acontecer com o continente africano.

Levamos uma sede da Embrapa para Caracas, para quê? Porque nós queremos levar a tecnologia acumulada pelo Brasil, através da Embrapa, para os países da América do Sul que têm o mesmo clima tropical que tem o Brasil, a mesma possibilidade de agricultura tropical, e também para a América Central. Por quê? Porque tem mais gente comendo. Se tem mais gente comendo... imagine a quantidade de chineses que está comendo agora, imagina a quantidade de indianos... Vocês viram os dados da queda da desnutrição no Brasil, é mais gente comendo. Por isso é que no Nordeste aparece o maior consumo. Com pouco dinheiro, as pessoas estão tendo acesso às coisas que não tinham. Isso significa o quê? Mais consumo, mais produção, ou seja, nada de contenção. Se é um produto que a gente não consegue produzir, então você contém. Mas um produto que você tem condições de produzir, a palavra de ordem é produzir, produzir e produzir, porque o povo vai comer muito mais, e eu acredito que vai continuar crescendo a demanda por alimentos.

Então, o Brasil tem uma oportunidade excepcional. É por isso que eu estou tranquilo. E também estou tranquilo porque tenho a convicção de que não vamos deixar a inflação voltar.

Jornalista: Presidente, o senhor citou o consumo que, de fato, está crescendo. E é exatamente para essa parcela da população que a inflação pesa mais e acaba comendo a renda. Então, parte da preocupação geral passa por aí.

O senhor disse que o seu governo não medirá esforços para controlar a inflação. Aumento do superávit primário está nos planos do governo? O senhor pensa em aumentar ainda mais o superávit primário? Como existe já um



consenso geral de que isso seria uma ajuda adicional que o governo poderia fazer.

Presidente: Mas nós já fizemos. O Fundo Soberano nada mais é do que o superávit primário. São mais 0,5 que nós aumentamos.

Jornalista: O senhor pretende aumentar mais?

Presidente: Não. Primeiro, para mostrar para a sociedade que o governo não vai brincar de gastar dinheiro porque arrecadou um pouco mais, ou seja, se você arrecadou um pouco mais, você guarda. E essa lição eu não trago da universidade, eu trago da minha casa.

Um trabalhador, quando chega no mês de dezembro, recebe 13º salário, férias antecipadas, recebe meio 13º do ano passado, recebe um monte de coisas. Quando chega em casa, entre os dias 10 e 20 de dezembro, tem gente que quer gastar tudo, quer comprar o que não precisa, sem saber que quando chegar no mês de janeiro tem que pagar IPTU, IPVA, tem que pagar tudo o que não pagou, Imposto de Renda...

Lá em casa, eu e Marisa nos sentávamos e dizíamos o seguinte: “Vamos comprar apenas o essencial, e vamos separar o que a gente tem que pagar no ano que vem. O que você tem que pagar? Tanto de IPVA, tanto de IPTU, tanto de Imposto de Renda. Separa, para a gente não ficar, depois, pedindo dinheiro emprestado nos meses de fevereiro e março”. É isso que nós estamos trazendo para o governo.

Na medida em que nós estamos arrecadando mais... Vocês acompanham a economia, e vocês sabem que nós já fizemos uma desoneração de 74 bilhões de reais. Procurem em outro momento da história do País e vejam em que época o governo fez uma desoneração de 74 bilhões de reais. Fizemos, e na medida em que a gente for arrecadando mais, nós



vamos fazendo mais desoneração. Por quê? Porque nós queremos transformar o Brasil num país altamente competitivo nesse mundo globalizado, com a China sendo o carro-chefe da produção, a preços muito baixos. Obviamente que nós não queremos produzir nas mesmas condições da China, nós temos uma política social muito forte e queremos mantê-la também.

O milagre para o Brasil... Se nós analisarmos o que aconteceu no Brasil de 1980 até 2 mil e pouco, nós tivemos dois momentos em que parecia que o Brasil ia dar certo: um foi com o Plano Cruzado, quando tinha que se fazer o ajuste, em julho, a eleição não permitiu e quebrou o Plano Cruzado; depois nós tivemos o Plano Real, que teve dois anos muito importantes, mas depois o governo não se deu conta de que o câmbio não poderia ficar do jeito que estava. Não se fez o ajuste no momento certo, o que aconteceu? Quebramos quatro depois. Então, nós trabalhamos com os erros e com os acertos dos outros, para que a gente não cometa o mesmo erro. O que eu digo para o Ministro da Fazenda e para o presidente do Banco Central? Este país tem uma chance singular de dar certo. As coisas estão mais ou menos arrumadas, as coisas estão mais ou menos certas.

O País aprendeu a crescer, o povo aprendeu a consumir. Agora, a gente tem que manter isso com equilíbrio, e é um trabalho até de convencimento da sociedade. As pessoas têm que saber que toda vez que a demanda é muito maior do que a capacidade produtiva do País, vem inflação. Todo mundo sabe. Se você tem o consumo das famílias crescendo a 8,5% e um PIB crescendo a 5,8%, significa o quê? Que a diferença vai vir da importação. E aqui dentro não falta quem resolva aumentar o preço. Eu lembro sempre para os economistas, porque eu lembro da xepa da feira. Você vai às 8h30 da manhã em uma feira no domingo, a laranja está cara, a cenoura está cara, a alface está cara. Aí, você não compra nada, volta às 10h30 e o preço já está pela metade. Por quê? Porque tem menos consumidores procurando aquele produto. Então, é um processo de educação da sociedade também.



Eu tenho em mente o seguinte: toda vez que a economia começa a crescer, você resolve fazer uma fábrica de cimento, você resolve fazer uma fábrica de carro. Enquanto você está fazendo a fábrica, isso é consumo, isso é aumento de demanda. Você só vai suprir isso quando se transformar em oferta. Nós descobrimos no ano passado que o Brasil tinha passado décadas sem fazer uma fábrica de cimento. Então, agora estamos fazendo 10 fábricas novas de cimento. Para quê? Para atender a demanda da construção civil, que está crescendo de forma extraordinária, porque passou 26 anos sem crescer. Então, estava tudo reprimido.

Quando eu fiz greve de fome, 21 dias de greve de fome, o meu desejo era comer um frango com polenta lá de São Bernardo, quando terminasse a greve de fome. Aí, acabou a greve de fome, o Tuma foi à porta da cadeia e eu falei: Tuma, manda buscar um frango com polenta. Veio um médico e falou: “Não, você não pode comer”. Me deu um copinho de plástico, com suco de mamão: “Você tem que tomar isso hoje, amanhã tomar mais um pouco. Somente depois é que você vai voltar a comer”. Nós ficamos muito tempo sem crescer. A geração de vocês, praticamente, não viu este país crescer. Na medida em que desabrocha, que o País começa a crescer, o governo tem que ter dois movimentos. Um movimento para incentivar o crescimento, mas ao mesmo tempo a cautela de não permitir que o consumo seja infinitamente maior do que a demanda, porque senão estoura, não dá certo. É isso que nós estamos fazendo neste momento. Nós queremos controlar a inflação, queremos ajustar apenas a demanda e a oferta, sem trancar o crescimento da economia.

Jornalista: O seu governo parece disposto, então, a abrir mão de algum crescimento para controlar a inflação?

Presidente: Lógico. Você não precisa crescer 6%, você pode crescer 5,5%,



você pode crescer 5%.

Jornalista: E 3% de crescimento?

Presidente: Não, eu acho que nós não chegaremos a isso. Nós temos que fazer a coisa de forma bem articulada, para que a gente vá ajustando o consumo com a nossa capacidade produtiva. Esse é o desafio. Eu penso que nós estamos convencidos. Eu digo sempre e dizia no começo do meu governo: qualquer presidente da República pode entrar aqui, pode errar e não vai acontecer nada com ele. No ano seguinte tem outro, depois tem outro. Eu digo que eu não posso errar, porque se eu errar vai demorar 500 anos para um trabalhador voltar a ser presidente da República. Em cima de mim não está apenas a imprensa, está o preconceito. Então, eu tenho mais do que a obrigação de fazer as coisas darem certo, e vou fazer.

Jornalista: Presidente, o Banco Central tem carta branca, nesse momento, para decidir o que ele quiser sobre taxa de juros?

Presidente: Essa é uma discussão que não existe mais. Não existe mais por quê? Pergunte para o Meirelles se ele tem autonomia ou não? Acontece que quem foi eleito fui eu. Eu é que fui para a rua, eu é que fui xingado, eu é que fui pedir votos. Então, eu quero discutir as coisas neste País. Eu quero discutir as decisões do Guido, eu quero discutir as decisões do Meirelles, quero discutir as decisões do Paulo Bernardo. Que história é essa? A responsabilidade recai sobre as minhas costas. Eu tenho noção de qual é o papel do Banco Central. E é com a noção e a responsabilidade de quem foi eleito que eu lido com o Banco Central. Pergunte se o Meireles está satisfeito ou não.

Jornalista: Digamos que chegue daqui a dois meses, e ele chegue à



conclusão de que precisa de mais uma...

Jornalista: Aumentar mais a taxa...

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Se chegar à conclusão que tem que aumentar, aumenta.

Jornalista: Aumenta?

Presidente: Aumenta.

Jornalista: Sem falar com o senhor?

Presidente: Não, nós conversamos sempre, porque é da boa política o presidente da República estar informado antes, durante e depois das coisas. Por que, senão, para que presidente da República? Isso aqui não é uma República autonomista. Isso aqui é uma República Federativa que tem um presidente eleito pelo povo, e que escolhe as pessoas. Todos os que estão aqui foram escolhidos por mim. Portanto, todos têm autonomia, desde que conversem com o presidente da República.

Jornalista: E nessa discussão, o ministro da Fazenda participa, não participa? Qual é o processo decisório?

Presidente: Eu não posso contar para vocês todos os processos decisórios, mas vocês podem saber de uma coisa: eu converso com muito mais gente do que vocês imaginam, e converso com muito mais gente do que a imprensa publica, porque eu tenho como prática ouvir as pessoas, e nunca gosto de



ouvir apenas uma opinião. Às vezes, eu converso com alguém mais à direita, às vezes eu converso com alguém mais à esquerda, às vezes eu converso com alguém de centro, às vezes eu converso com alguém que não gosta do governo, às vezes eu converso com alguém que gosta demais do governo. A mim só resta a possibilidade de ter um denominador comum. Eu sempre me intitulei “o caminho do meio”, ou seja, eu nunca gostei de ouvir uma única posição.

Jornalista: Nesse capítulo de inflação, quem o senhor gosta de ouvir? Quem é...

Presidente: Todos. Meireles, eu ouço muito; Guido, eu ouço muito. Eu convido muita gente para discutir isso. Converso com os dirigentes sindicais. Por exemplo, eu disse aos dirigentes sindicais, um dia desses: por que aumenta a inflação? É o governo que aumenta a inflação? Não. Alguém aumenta, alguém aumenta de preço. Quando a inflação é causada pelo dólar, quando a inflação é causada por *commodities* você não tem controle, porque o preço não é determinado aqui dentro. Mas quando ela aumenta aqui dentro, nós temos que saber por que aumentou.

Então, é uma boa política que os dirigentes sindicais comecem a colocar a inflação na sua pauta, não apenas em época de reivindicação, porque quando chegar a data da reivindicação, já está muito alta. É importante que os dirigentes sindicais, para preservarem aquilo que conquistaram de aumento na época do acordo, comecem a discutir quais os setores que estão marcando preço demasiadamente. Quais? E ir lá conversar com eles.

A sociedade termina tendo um poder extraordinário para controlar a inflação, ela só tem que estar informada. Se você for comprar um caderno numa livraria, e achar que ele está caro, a boa política indica que você não deve comprar, vá para casa. Quando passarem 10 compradores lá, olharem o



caderno e não comprarem, o dono da livraria vai se tocar: “Espera aí, não estão comprando por quê? Todo mundo põe a mão e não leva? É porque está caro”. Aí vai lá e diminui o preço. O povo tem um poder muito grande, e eu acho que o povo vai exercitando ele aos poucos. Isso é cultural, no Brasil.

Eu quero dizer para vocês que eu estou extremamente satisfeito com o atual momento. Exatamente porque eu acredito que nós temos uma oportunidade ímpar, na questão agrícola, uma oportunidade excepcional.

Jornalista: Presidente, o senhor lidera um governo que, de fato, tem apoiado bastante a agricultura, e a gente tem visto aí, nos últimos dias. O senhor fala muito em produção agrícola, em aumento da produção agrícola. O Brasil é um país privilegiado, do ponto de vista ambiental, mas isso está cobrando um preço também, as pressões internacionais são enormes, em torno da Amazônia, etc.

O Gilberto Carvalho deu uma entrevista recente, em que ele disse do senhor: entre a soja e o cerradinho, o senhor fica com a soja.

Presidente: Isso foi o Gilberto Carvalho quem disse.

Jornalista: O que o senhor me diz a respeito? Como o senhor vai equilibrar essas coisas? Existe pressão para aumento de produção...

Presidente: Deixe-me falar uma coisa: primeiro, eu não aceito pressão internacional. Se alguém, de outro país, quiser fazer pressão sobre o Brasil, me mostre primeiro o que fez para preservar as suas florestas.

O dado concreto é que este país – que todo mundo acha que é dono – tem dono, que são os 190 milhões brasileiros. Este país mantém 69% das suas florestas originais intactas, enquanto a Europa, que é toda cheia de preservacionismo, mantém apenas 0,3% das suas florestas originais. Então,



vamos devagar com o andar. Segundo, se essas pessoas desejam realmente que os países pobres contribuam para resgatar os gases de efeito estufa que elas lançam na atmosfera, qual é a contrapartida de pagamento que elas farão? Até agora, nada. Até agora, muito discurso, fundo de seqüestro de carbono e (inaudível). Eu quero saber onde está esse dinheiro, porque até agora não chegou. Tem 25 milhões de pessoas que moram na Amazônia e aquelas pessoas querem ter televisão, carro, estrada, ferrovia, telefone celular, bicicleta. Eu preciso desenvolver aquela região.

Nós apresentamos um programa – e vários programas da Amazônia sustentável – em que se está discutindo corretamente o manejo da floresta e que tipo de indústria limpa levar para a Amazônia. Estamos dispostos a preservar a Amazônia porque queremos tirar proveito da riqueza da biodiversidade que tem na Amazônia. Nós ainda não sabemos 1% do que temos lá. Mas espere aí: vamos deixar que o Brasil decida o que fazer. Inventar que tem cana-de-açúcar na Amazônia não só é uma desfaçatez, para não dizer que é uma mentira. Nós temos em toda a Amazônia 21 mil hectares de terra, 0,3% de terra plantada com cana, o que não é nada, e também ela não é boa para cana. Terra boa para cana nós sabemos onde tem. A terra para cana, hoje, utiliza apenas 1% da terra agricultável deste País.

Esse discurso de quem não conhece o Brasil dar palpite sobre o País... Nós temos responsabilidade, temos leis, temos o ministro que é uma pessoa respeitada, e queremos preservar, queremos evitar o desmatamento, queremos fazer tudo isso. Agora, esse é um problema do Brasil, porque senão daqui a pouco se vai aceitar ler em matérias de jornais: “o mundo desenvolvido acha que o Aquífero Guarani tem que ser um patrimônio da Humanidade”. Por que não transformam em patrimônio da Humanidade os seus conhecimentos científicos na produção de remédios caríssimos que nós não podemos comprar? Por que não produzem remédios para a Humanidade? Por que não transformam a Nasa em patrimônio da Humanidade?



Nós precisamos nos respeitar enquanto brasileiros, precisamos ter auto-estima, precisamos agir enquanto nação. Nós erramos? Vamos corrigir os nossos erros. Mas ficar gente dizendo o que temos que fazer, não dá, até porque nós já provamos – eu fui à FAO – o seguinte: um carro a álcool emite 8 vezes e meia menos CO² do que um carro a gasolina. Está aqui o combustível duplamente renovável: renovável quando se liga o motor do carro e seqüestrador de carbono quando se planta a cana.

Essa é a discussão que eu faço em qualquer lugar. Tenho dito aos empresários para juntarem a sua inteligência toda e fazermos esse debate, porque senão vão jogar a culpa da inflação no biodiesel e no álcool, sendo que ninguém planta ainda.

Jornalista: Abstraindo essa questão externa, que o senhor tocou perfeitamente: realmente é uma questão brasileira. Agora, tem muita gente aqui no Brasil que está extremamente preocupado porque o fato é que – e também não é um negócio que vem, obviamente, do seu governo, é uma coisa histórica – o Brasil está mostrando muita dificuldade em preservar a floresta. A floresta continua e, a despeito de a gente ainda ter muitas árvores, ela diminui ano após ano. O que o senhor pensa? Qual é a resposta do governo a essas pessoas? Que segurança elas podem ter de que, de fato, isso está sendo controlado? Os últimos números foram ruins, quer dizer, os (inaudível) foram ruins. Isso é uma coisa que vem de muito tempo, na verdade.

Presidente: Nós diminuimos o desmatamento em 59% até o ano passado. Este ano, tem um desajuste que não é (inaudível) estado de Mato Grosso. Nós temos o mais perfeito acompanhamento do desmatamento – como qualquer país tem no mundo – com o Inpe, acompanhamos isso diariamente, mensalmente. O governo não tem nenhuma timidez em divulgar os números como eles são, até porque é importante que a sociedade saiba os números.



Nós criamos lei regulando e punindo drasticamente aquelas pessoas que desmataram áreas que não podem ser desmatadas, não vai mais ter crédito para essas pessoas, elas vão ter que saber que este país tem lei e tem regras. Agora, qual é o problema? É que o País estava desmontado.

Converse com o presidente do Ibama para saber como é que estava o Ibama. Não tem fiscal, se tem fiscal não tem carro, se tem carro não tem gasolina. Não tinha um controle sistemático, como nós temos hoje. Então, eu penso que nós tomamos todas as decisões para que a gente possa, com muito orgulho, em qualquer fórum nacional ou internacional, provar que estamos preservando a nossa Amazônia. Ao mesmo tempo, nós queremos incluir nesse debate a política de florestamento, seja para produzir etanol, seja para produzir biodiesel, seja para produzir papel e celulose neste país. É preciso contar a quantidade de árvore que nós plantamos por ano neste país, também.

Esse é um desafio, não é um problema de interesse dos outros, é interesse nosso. Eu volto a repetir: Por que nós queremos preservar a Amazônia? Porque eu acho que a verdadeira riqueza da Amazônia está na sua biodiversidade. Agora no final do ano, o Sarkozy vem ao Brasil e eu estou propondo que a gente crie um instituto de biodiversidade, em uma parceria França e Brasil – já que a França tem um pedaço da Amazônia, é o único país europeu que deveria até explorar melhor o fato de estar na Amazônia – e a gente fazer um instituto para começar a pesquisar, já que a França é um país de grandes investimentos em pesquisa.

Jornalista: O senhor defende, de qualquer forma, a preservação, evidentemente. Mas isso não vai impedir que o Brasil se transforme em um grande celeiro de alimentos do mundo?

Presidente: Nós poderemos até aumentar muito a nossa produção, sem precisar derrubar uma árvore. Se nós utilizarmos as terras de pastos



degradadas hoje, você vai perceber que nós temos mais de 60 milhões de hectares para plantar o que nós quisermos. O problema é que, muitas vezes, esse tema se dá de forma apaixonada, sem nenhuma consistência em função da realidade. O Brasil está convocando para os dias 20 e 21 de novembro um seminário internacional, em que nós queremos trazer governantes do mundo inteiro, cientistas, ONGs, para que a gente faça um debate sobre a questão climática e sobre a questão dos biocombustíveis. O que nós queremos são argumentos científicos, argumentos que possam ser provados. Se alguém me provar que a produção de biocombustíveis vai fazer a Humanidade passar fome, eu não trocarei encher o meu estômago para encher o tanque de um carro. Isso é uma coisa tão elementar, que eu fico até constrangido quando ouço um dirigente importante do mundo – daqueles que eu só via na televisão, que eu achava que era o supra-sumo da inteligência – falar algumas coisas que não têm sustentação científica, climática, não tem nada, fala porque alguém falou. Falam dos biocombustíveis: “O trabalho na cana é penoso”. O trabalho na cana é penoso, eu sei que é penoso, mas não é mais penoso do que o trabalho, que fez a Europa se desenvolver, nas minas de carvão, não é mais penoso.

O que eu tenho dito para eles? Eu estou preocupado porque São Paulo, até 2012, vai acabar com o corte manual. O nosso desafio não é apenas acabar com o corte manual, é saber o seguinte: o que nós vamos fazer com 800 mil trabalhadores que cortam cana? Se eu não tomar cuidado, eles deixarão de ser cortadores de cana e irão ser mendigos nas periferias dos grandes centros urbanos deste País. Então, vamos devagar com o andor, nós temos muita gente inteligente, temos muita gente competente para fazer as coisas no nosso tempo e na nossa realidade porque, senão, nós ficamos à mercê do discurso de gente que nem conhece o Brasil e dá palpite como se fosse especialista em Brasil. Venha aqui para conhecer.



Jornalista: Presidente, o senhor estava falando que quando sair do governo vai ter uma série de conquistas para mostrar. Enfim, a gente reconhece vários avanços em áreas diferentes. Onde o senhor acha que está faltando fazer alguma coisa para agora, para a frente?

Presidente: No Brasil, sempre faltará fazer alguma coisa. Eu não sei se você já ficou desempregado alguma vez. Quando se fica muito tempo desempregado... Eu vivi a crise de 1965 e fiquei um ano e dois meses parado. Quando se fica parado, fica-se acumulando dívidas com os companheiros que emprestam dinheiro, para sobreviver. Quando se começa a trabalhar, todo mundo que emprestou dinheiro quer receber de uma vez, e aí se leva um ou dois anos para poder saldar essa dívida. No caso do Brasil, eu vou te dar dois exemplos. Na questão da Educação, você tem noção de quanto mal este País fez, não fazendo investimento em educação na hora certa? O Brasil poderia ter resolvido o problema junto com outros países. O que justifica a Argentina ter um nível de escolaridade maior do que o nosso? O Uruguai? O Chile? O que justifica isso? Uma parte de uma elite perversa que estudou e, porque estudou, acha que os outros não podem estudar?

O Brasil poderia ter feito uma revolução em Educação na década de 60 e não fez. Nós agora estamos fazendo. O ministro Fernando Haddad tem dado demonstrações inequívocas de que se nós continuarmos fazendo as coisas corretas, poderemos daqui a 10 ou 15 anos ter um sistema educacional tão avançado quanto os países mais avançados do mundo. Não basta universalizar. É uma boa coisa. Agora, se universalizar sem fazer os investimentos corretos, a tendência natural é cair o nível de ensino. Então, vai ter mais crianças na escola com menos qualidade de ensino. Nós aprovamos o Fundeb, e aprovamos agora o nosso Programa de Educação que atende desde o ensino fundamental às universidades, e já estamos colhendo resultados.



Quando eu cheguei aqui, tinha uma prova para aferir a qualidade da Educação, que se fazia por amostragem em 200 mil crianças que estavam na 4ª série. Então, eu disse ao ministro Tarso Genro: por que não fazer para todos os alunos? Por que fazer por amostragem, se tem o aluno dentro da sala de aula, tem o professor? Vamos fazer para todo mundo, e vamos começar a divulgar na cidade qual escola está melhor, qual escola está pior, para que todo mundo se toque que tem responsabilidade: o prefeito tem responsabilidade, o governador tem responsabilidade, o presidente tem responsabilidade, o diretor da escola tem responsabilidade e o professor tem responsabilidade.

Para isso, ontem nós aprovamos um (piso salarial) para os professores, que é para garantir a eles, minimamente, condições de sobrevivência. Criamos a universidade aberta para formar e reciclar os nossos professores. Quando chegamos aqui, tinha uma lei feita em 1998 que tirava do governo federal a responsabilidade pelo ensino técnico profissional. O que nós fizemos? Revogamos a lei e assumimos a responsabilidade de trazer para nós o ensino técnico profissional. De 1909, quando Nilo Peçanha fez a primeira escola técnica em Campos, no Rio de Janeiro, até 2003, neste País foram construídas 140 escolas técnicas profissionais, ou seja, em quase 100 anos foram construídas 140 escolas. Nós vamos construir, em oito anos, 214 escolas técnicas profissionais, espalhadas por todo o território nacional. Nós estamos fazendo 10 universidades federais novas, 48 extensões universitárias por este País afora, que é para garantir a oportunidade que, 30 anos atrás, era apenas para uma elite muito sofisticada que tinha acesso à Unicamp, à USP e às universidades federais.

Criamos o ProUni, que vocês vão perceber que é uma revolução na educação neste País. Fizemos um acordo com as universidades privadas, demos isenção a uma parte do tributo, transformamos o valor do tributo em bolsa, e agora estamos com 400 mil jovens da periferia fazendo universidade. Este ano se formam os primeiros 60 mil jovens na universidade.



Vocês estão lembrados que quando eu lancei – não vou citar nomes – o ProUni, disseram o seguinte: “Lula nivela por baixo o ensino universitário”. Por quê? Por puro preconceito contra o pobre, por puro preconceito. O que aconteceu é que depois de dois anos foi feita a primeira avaliação. Em 14 áreas, inclusive Medicina e Engenharia, os melhores alunos eram do ProUni, e 40% deles são negros.

Agora criamos o Reuni. Você não imagina a briga que foi com os setores esquerdistas do movimento estudantil, porque a gente fez um acordo com as 54 universidades federais para aumentar, de 12 alunos por professor, para 18 alunos, como é na França. As pessoas que eram contra diziam: “É difícil dar aula para 18, é muita gente, vai cair a qualidade”. Fizemos um acordo, teve reitoria que foi invadida por estudantes, quebraram vidros, porque não queriam. Queriam ficar apenas com 12. “Eu já estou comendo, por que eu vou deixar o outro comer?” Aprovamos. Isso vai colocar mais 400 mil jovens na universidade brasileira. Obviamente que ainda falta fazer muito porque ficamos muito tempo parados, ficamos muito tempo sem investir. Nós achamos que esse é o nosso desafio.

Jornalista: O senhor está falando que ainda tem muita coisa para fazer. A gente ouve a opinião de especialistas falando da necessidade de avanços, da reforma da Previdência, reforma tributária, reforma trabalhista. Dessas três, onde o senhor acha que o governo deve centralizar suas prioridades para os próximos dois anos?

Presidente: Essas coisas são muito fáceis de fazer, quando saem da boca de especialistas.

Jornalista: Ou de um jornalista.



Presidente: É verdade, porque na hora em que entra no mundo real, a coisa se complica. Eu reuni empresários, trabalhadores e governo para apresentar duas propostas: reforma sindical, e entrar na reforma trabalhista. Por que não foi feito? Porque eles não se colocam de acordo.

Jornalista: Mas não é papel do governo (inaudível)?

Presidente: Não, não é papel do governo. No regime democrático, a gente ouve. Se você construir consenso, é muito melhor do que fazer um projeto de lei e ele chegar ao Congresso e ser derrotado pelos mesmos que não quiseram se colocar de acordo. Aqui a gente constrói.

Os dirigentes sindicais vieram aqui esses dias me pedir: “Presidente, por que o senhor não faz uma medida provisória reduzindo a jornada de trabalho para 40 horas?” Eu falei: eu? Por que não fazem vocês? Por que vocês não vão para a rua fazer abaixo-assinado, fazem um projeto de lei de iniciativa popular e aprovam no Senado? Por que o Presidente tem que fazer? Vamos mobilizar a sociedade e fazer. A Constituição prevê projeto de lei de iniciativa popular.

A reforma tributária: vocês estão lembrados que em abril de 2003 eu fui ao Congresso Nacional levar uma proposta de política tributária. A parte federal foi aprovada, a parte estadual não foi aprovada. Agora, mandamos outra vez uma proposta de política tributária. Ela foi acordada com todo mundo, e o meu sonho... Só para vocês terem uma idéia, nós fizemos debates com vários segmentos empresariais, nós fizemos debates com o Conselho de Desenvolvimento do governo federal, nós fizemos debates com os partidos políticos, fizemos debates com os sindicatos, e mandamos para lá. Eu estou com a convicção de que nós poderemos aprová-lo este ano. Todos os empresários estavam de acordo. Obviamente que sempre tem um ou outro setor que é contra mas, no conjunto, a maioria está favorável.



A reforma da Previdência: no mundo inteiro, a reforma da Previdência é um desafio excepcional. O que eu tenho dito aos companheiros? Foi isso que norteou o trabalho do Marinho, de quase um ano, de propor pontos para a reforma da Previdência. Se a gente for fazer uma reforma da Previdência pensando em mudar o *status quo* que as pessoas têm hoje, não se faz nem no Brasil e nem na França. Você pode fazer na China.

Jornalista: A sociedade não aceita, não é?

Presidente: A sociedade não aceita. Então, o que eu proponho a eles? Olhem agora o Pimentel... O Pimentel, que é o ministro agora, é um companheiro que conhece muito de Previdência, como o Marinho. Foi o relator da reforma da Previdência do setor público. Eu digo ao Pimentel: é preciso convencer a sociedade de que nós não queremos fazer a reforma para atingir quem hoje está no mercado de trabalho. Tem que fazer uma reforma pensando daqui a 30 anos. Quando o meu filho, o seu filho começarem a trabalhar, eles vão ter uma outra lógica previdenciária que não seja a de hoje. Por quê? Porque a longevidade aumentou muito no País. Na minha geração, a gente não conhecia os avós, eles morriam com 58, 60 anos. Hoje as pessoas vivem 78, 80, 90 anos. As pessoas ficam muito mais tempo aposentadas e isso pressupõe que se tenha formas de arrecadação para suprir isso. Então, vamos pensar uma reforma da Previdência, pensando no futuro. Aí você tem que convencer as pessoas, tem que convencer os aposentados, os pensionistas, porque é um tema delicadíssimo e, do ponto de vista político, é mais delicado ainda. Você nunca viu nenhum Congresso do mundo fazer alguma coisa contra crianças ou idosos. Então, esse é um tema muito delicado, que nós queremos construir, e eu tenho clareza de que se eu não fizer, é muito mais difícil outro presidente fazer.



Jornalista: O senhor acha que ainda...

Presidente: Nós ainda temos 2 anos e 7 meses de governo. Eu estou começando o meu segundo mandato. Para os meus adversários está longe, mas para mim...

Jornalista: A tributária, o senhor quer ainda este ano?

Presidente: Este ano eu quero a tributária.

Jornalista: A previdenciária...

Presidente: A previdenciária, nós vamos construir uma proposta adequada para ela acontecer, e eu tenho a convicção de que vamos contar com o apoio dos aposentados e dos trabalhadores da ativa. Isso, às vezes, leva tempo. Às vezes, a capacidade de convencer uma pessoa demora um tempo. Quantas vezes você encontrou uma moça pela primeira vez, foi falar com ela, ela não quis nem saber de você, foi embora, e dois anos depois virou sua esposa? É um trabalho que tem que se construir, e nós queremos construir.

A reforma trabalhista, o que eu tenho dito? Não é possível que a gente viva no século XXI, em 2008, 2010, com a mesma legislação que tinha em 1940. O mundo do trabalho mudou. Qual é a divergência? A divergência é que de um lado tem o setor empresarial que quer acabar com a CLT, não quer nada no lugar, não quer nenhum compromisso, e do outro lado tem os trabalhadores que querem a CLT e mais alguma coisa. Não dá. Eu tenho dito aos dirigentes sindicais: hoje nós temos que defender os trabalhadores que estão dentro de uma fábrica, é correto. Mas nós temos que pensar nos milhões que não estão dentro da fábrica, nos milhões de jovens que não têm oportunidade e, muitas vezes, as empresas não os contratam porque fica caro



contratar um trabalhador. É muito difícil essa combinação e esse entendimento. Eu tenho certeza de que o Fernando Henrique Cardoso gostaria de ter feito, de que o Sarney gostaria de ter feito, de que todos querem fazer. Agora, é preciso criar as condições políticas para fazer. Quando você acerta tudo, não passa na Câmara, não passa no Senado. Mas é bom que seja assim, porque se não fosse assim, significaria que tem autoritarismo. O autoritarismo não resolve nenhum problema para a sociedade.

Jornalista: Na sua concepção, o ideal é que a legislação trabalhista fosse um pouco flexibilizada?

Presidente: A palavra flexibilizada já foi desgastada. O ideal é que a legislação trabalhista seja adequada ao real mundo de trabalho de hoje. Só isso.

Jornalista: O senhor disse que tem a CLT, que os trabalhadores querem a CLT e mais alguma coisa, e que os empresários não querem nada. Estou entendendo que o modelo que o senhor defende é, portanto, algo no meio do caminho, ou seja, menos do que a CLT oferece hoje.

Presidente: É muito difícil, agora, eu falar pelos dirigentes sindicais. Mas como eu fui dirigente sindical durante muito tempo, eles me permitirão dar um palpite. Eu acho que o mundo do trabalho hoje é diferente do mundo do trabalho que eu vivi. Portanto, fazer adequações na legislação é necessário, de quando em quando. Você pode fazer de década em década, você pode fazer de 30 em 30 anos, mas tem que ir adequando. No meu tempo, a gente começava a trabalhar muito novo e a gente se aposentava muito novo, com 30 anos de trabalho você já se aposentava. Está certo que o trabalho era muito mais penoso, era muito mais duro. Hoje, a modernização e a evolução tecnológica permitiram que o trabalho seja muito mais flexível, menos penoso, menos, eu



diria, insalubre. Então, você pode flexibilizar isso. Agora, nada disso será feito por iniciativa do presidente da República, sem que haja concordância da sociedade. É um processo de convencimento.

Você percebe que se fala pouco nisso agora. Esse seria um momento, até, de os dirigentes sindicais e empresários falarem mais. Como nós somos um sindicalismo nascido sob a égide do economicismo, e agora a situação econômica não é a prioridade dos dirigentes sindicais, que estão fazendo acordo com ganhos reais de salário, esses temas, que são tabus...

Jornalista: Estão fora da pauta.

Presidente: ...é que deveriam estar sendo discutidos pelo Congresso Nacional, mas nós chegaremos lá.

Jornalista: Presidente, com relação a tributos, ao mesmo tempo em que se ouvia... O senhor falou em desoneração, em uma proposta de reforma que, de fato, foi para o Congresso e foi bem recebida pela maior parte da sociedade...

Presidente: Pela imprensa...

Jornalista: ...pela imprensa, inclusive. Existe a questão da nova contribuição para a Saúde, a CSS. O que faz o governo crer que, com a CSS, a Saúde pública será melhor? Por que eu pergunto isso? Porque a CPMF foi criada para melhorar a Saúde pública e não melhorou, e agora tem uma proposta para justamente se melhorar a qualidade do serviço que é prestado à população. Por que dessa vez vai funcionar?

Presidente: Melhorou a Saúde. Não seja ingrata. Sabe o que acontece? É que nós...



Jornalista: Presidente, as minhas empregadas não acham. O pessoal que trabalha lá em casa não gosta muito.

Presidente: É que nós fazemos sempre avaliação das coisas que não dão certo. As que dão certo, nós partimos do pressuposto que são obrigação, e não falamos delas. Você tem noção de quantos transplantes são feitos no Brasil, por conta do SUS?

Jornalista: Não.

Presidente: Você tem noção de quantos atendimentos de alta complexidade faz o SUS? Você tem noção de que o seu plano médico, quem paga é o Estado brasileiro, porque você o deduz do Imposto de Renda, e o meu também? E nós fazemos o discurso de que “o SUS não funciona e o meu funciona porque eu pago”. O que nós pagamos, nós deduzimos do Imposto de Renda. É o Estado brasileiro, que não atende o pobre, que paga o nosso, da classe média. Esse é o desvio que tem no Brasil.

Por que eu me resenti, por que eu me senti chateado com a CPMF? Porque pela primeira vez a gente tinha, através do ministro Temporão, preparado um PAC para a Saúde, em que a gente tinha feito um programa para quatro anos, gastando 24 bilhões a mais para fazer o que precisava ser feito na saúde neste País. Por exemplo: quando eu estava na escola, em 1958, na Vila Carioca, no Ipiranga, na escola em que eu estava tinha dentista e médico. Isso acabou. Por quê? Porque tinha poucas escolas para pouca gente. Na hora em que você universaliza, tem muitas escolas e muita gente, então, caiu a qualidade. Eu estava querendo que a gente pudesse levar dentista para a escola, para a gente permitir que crianças com sete anos tivessem um dentista olhando o seu dente, fazendo ortodontia, corrigindo os dentes das



peçoas; que a gente tivesse oftalmologista, porque como o olho não dói, se a gente tiver uma deficiência no olho, muitas vezes a gente só vai descobrir quando já está adulto.

A própria professora fazer o teste da tabela com a criança para saber se ela está enxergando tudo. Está provado que no Nordeste muitas crianças não aprendiam porque não ingeriam vitamina A e, portanto, não enxergavam direito. Tudo isso a gente queria fazer. Na nossa política de planejamento familiar, a gente queria fazer vasectomia de graça para quem quisesse fazer. O homem é covarde, prefere ver a sua mulher ligar as trompas do que ele dar um picote... Ele é covarde. Parece que é a espécie forte da Humanidade, mas é a mais fraca de todas. Vocês já viram mulher ficar deitada por gripe? Homem fica. Nós queríamos fazer laqueadura para as mulheres que quisessem fazer o ligamento das trompas. Nós queríamos fazer uma política de planejamento adequada, porque no Brasil quem tem mais filhos são os pobres. A classe média já tem esse planejamento familiar. A classe média se casa e já sabe: vou ter um filho ou dois filhos, e acabou. Mas os pobres, não: não têm formação, não têm as informações corretas, não têm dinheiro para comprar preservativos. Então nós queríamos dotar isso de um padrão com risco zero.

Na hora que não passou a CPMF, o programa não aconteceu. O Congresso tomou a iniciativa... Vou dizer para vocês aqui: o governo não moverá um dedo por esse novo imposto. É um problema que surgiu no Congresso, e que seja resolvido no Congresso. Não peçam ao Presidente: "Nós precisamos convencer a base aliada". É um problema do Congresso. Na hora que as coisas não acontecerem, eu vou ser obrigado a ficar dizendo no País por que a gente não pode melhorar. Nós precisamos melhorar, e muito, a Saúde, como precisamos melhorar muito a Educação, como precisamos melhorar muitas coisas que ficaram truncadas neste País.

Gente, eu estou falando para vocês... Eu comecei dizendo que a geração de vocês não viu este País crescer, sobretudo você que nasceu e



virou jornalista, entrevistando o presidente. Você está vendo este País crescer agora. Você viu crescer um ano ou dois no Plano Real, viu crescer seis meses no Plano Cruzado, e não viu mais crescer. Peguem a construção civil de 1980 até agora, ela só veio assim. Agora que ela está assim. Peguem a indústria automobilística, vocês que entendem de economia... Desde que eu me conheço por gente e que fui presidente daquele Sindicato lá em São Bernardo, a indústria automobilística vivia em crise. Hoje, todos os dias, todas as horas... Vejam os dados que foram publicados agora, da Anfavea. Só se vê recorde de vendas, recorde de exportações, recorde de licenciamentos, recorde de não sei das quantas... Então, é o momento de ouro do País. Não é o momento do presidente Lula ou o momento do governo. É o momento da sociedade brasileira.

Essa foi uma conquista porque quando, em 2003, eu fiz o maior ajuste fiscal que este País conheceu, e fiz trocando o capital político que eu tinha pela chance de ver o País viver o momento que está vivendo hoje. O povo aceitou o sofrimento, o povo sabia o que a gente estava fazendo. Toda criança sabe que nenhuma mãe dá um remédio amargo porque não gosta dela. Dá um remédio amargo, exatamente porque a adora e quer que ela fique boa.

Então, eu digo sempre o seguinte: não me peçam para brincar com economia. A minha passagem aqui é muito passageira, e eu acho que cada um de nós que passa por aqui não tem o direito de subordinar as suas decisões econômicas a um processo eleitoral. Tem que tomar as suas decisões em função do processo histórico deste País, e certamente o povo saberá reconhecer isso, eu estou convencido disso. Eu me lembro que nas eleições para prefeito de São Paulo, em 2004... Vocês estão lembrados que eu aumentei os juros em outubro, e o pessoal falava: “Não, Presidente, não aumente os juros, tem eleições”. Eu não quero saber. Eu não vou subordinar a economia a uma questão eminentemente conjuntural. Eleição tem todos os dias.



Jornalista: Este ano, de novo...

Presidente: Este ano, tem todos os dias. Eu não vou jogar com o futuro do País por conta de uma eleição. Esse erro foi cometido no Plano Cruzado, foi cometido no Plano Real, e eu não vou cometer esse erro, até porque aprendi com eles. É por isso que eu sou um homem tranqüilo com relação ao futuro deste País. Eu acho que vocês acompanham e sabem que o Brasil hoje tem uma credibilidade internacional de muito respeito. Essa é outra lição que eu trouxe do movimento sindical. Nenhum interlocutor respeita quem não se respeita. Se você, um dia, for negociar com alguém e esse negociador perceber que você está de cabeça baixa, pode ficar certo de que ele vai montar em cima de você e você estará desmoralizado na negociação.

O Brasil sempre se colocou como se fosse um paísinho, pobrezinho, do Terceiro Mundo, sempre pedindo licença, quando, na verdade, nós somos uma baita nação. Em qualquer assunto que você quiser escolher, o Brasil estará entre as 10 mais importantes nações do mundo. Por que a gente tem que se tratar como pequeno? Eu acho que isso fez com que o Brasil tenha, nesse momento, uma chance histórica que não pode perder, não pode largar. Eu acho que há compreensão do empresariado e dos trabalhadores de que o momento é extremamente rico para nós, e na hora em que tiver que viver dos ganhos, todos nós vamos tirar proveito, mas na hora em que tiver que fazer sacrifício, todos nós temos que fazer sacrifícios.

Eu dou sempre o seguinte exemplo: nós estamos em um barco, esse barco tem o cara que está no mastro, tem o cara que está na proa, tem o cara que está na cabine, tem o cara que está na popa, tem o cara que está na casa de máquinas e tem o cara que está no porão. Na hora em que ele afundar, todos estaremos naufragados e todos poderemos ser defuntos. Então, para sobreviver nós temos que nos colocar de acordo. Ninguém é mais inteligente



do que ninguém, ninguém é mais esperto do que ninguém e ninguém é mais poderoso do que ninguém. É a soma das nossas virtudes e das nossas fraquezas que nos permitirá construir uma nação definitivamente soberana.

É isso, meus queridos companheiros.

Jornalista: Presidente, muito obrigada.

Presidente: Obrigado a vocês.

(\$31DHJLP)